

Director: António Dantas, filho  
 Redactor: António de Souza  
 Editor: Manuel Guimarães

# O LUSITANO

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse  
 Rua de Paio Galvão

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

## LIBERDADE, ONDE PARAS?!!!

Artigo 1.º A Nação Portuguesa, organizada em Estado Unitário, adopta como forma de governo a República, nos termos desta Constituição.

Art. 3.º A Constituição garante, a portugueses e estrangeiros residentes no país, a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes:

2.º A lei é igual para todos, mas só obriga aquela que fôr promulgada nos termos desta Constituição.

4.º A liberdade de consciência e de crença é inviolável.

5.º O Estado reconhece a igualdade política e civil de todos os cultos e garante o seu exercício nos limites compatíveis com a ordem pública, as leis e os bons costumes, desde que não ofendam os principios do direito público português.

6.º Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, nem perguntado por autoridade alguma acêrca da que professa.

7.º Ninguém pode, por motivo de opinião religiosa, ser privado de um direito ou isentar-se do cumprimento de qualquer dever cívico.

8.º É livre o culto público de qualquer religião nas casas para isso destinadas pelos respectivos crentes, e que poderão sempre tomar forma exterior de templo; mas, no interesse da ordem pública e da liberdade e segurança dos cidadãos, uma lei especial fixará as condições do seu exercício.

Const. Pol. da Rep. Port.

Confrontemos a teoria com a prática.

### BOA PIADA

A esta espécie pertence a forma como foi recebida ao fundo das escadas do governo civil do distrito, uma comissão de maduros da juventude católica-reacionária, que ali ia obter licença, que lhe foi negada, para uma ostentosa e irritante festa de completa provocação durante os festejos batistinos, a qual comissão passou pelo desgosto de ver um gracioso a sacudir o pó dos sapatos com uma velha bandeira nacional, hoje simbolo *augusto* dos traidores à Pátria e dos ferrenhos adeptos da bambochata monárquico-jesuítica.

Aquilo havia de ser cada cara...

«Alvorada» n.º 84 de 27 de Junho.

### JUVENTUDE CATÓLICA

Como noticiamos no número anterior, a comissão fundadora desta florescente e simpática colectividade, resolveu efectuar hoje a sua festa inaugural.

A mesma comissão, porém, foi intimada pela autoridade administrativa a não realizar a sessão solene que teria lugar às duas horas da tarde, alegando a referida autoridade o receio da alteração da ordem pública.

Dum jornal de Braga do mês de Junho.

Sob a presidência do sr. Alfredo da Silva, lente do instituto industrial e membro da câmara municipal do Porto, iniciam-se no próximo domingo em Braga, no prédio contíguo ao extinto colégio inglês, no Campo D. Luís 1.º, conferências sobre a religião evangélica, às quais podem assistir todas as pessoas que assim desejem.

Essas conferências terão lugar às 11 horas da manhã e seis da tarde.

Num prédio do Campo D. Luiz 1.º, iniciaram-se ontem as conferências evangélicas, que se prolongarão em todos os dias úteis, depois das 8 1/2 horas da tarde.

A série dessas conferências foi inaugurada pelo sr. Alfredo Silva, dessa cidade.

Corresp. do Journ. de Not. de 19 e 23.

Comentários? Para que?!!!

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

## A caça do padre

Desde que se implantou nesta boa terra portuguesa a república, uma das mais deliciosas diversões dalguns republicanos, dos que mais dedicados se pretendem inculcar às novas instituições, é a caça ao padre.

Quando por suas artimanhas conseguem capturar um padre, fazer que ele seja metido numa prisão ou apupado e espancado no meio duma praça, sentem um prazer maior do que o caçador quando mata uma lebre ou uma galinha.

E assim como os caçadores habituais, quando se encontram, derivam logo a conversa para as proezas cinegéticas que teem operado, descrevendo-as com todas as minúcias, e fazem cálculos e previsões sobre os resultados de novas operações, indicando os montados ou os bosques onde possam ser bem sucedidos, também esses republicanos de maus fígados não pensam nem sonham com outra coisa senão com a caçada dos padres.

Capturar ou espancar um padre é para eles um feito mais valoroso do que o aprisionamento do Gungunhana ou a conquista duma bem apetrechada fortaleza. E assim como o caçador anda sempre observando e investigando os montes e as matas, onde possa ser mais feliz nas suas excursões venatórias, assim alguns republicanos de mais ardido zelo de perseguição vão batendo as povoações e as freguesias, onde possam ter o desejado prazer de aferrar um padre.

Julgam dêste modo no seu rombo intellecto, que zelam, defendem e beneficiam proveitosamente a sua forma de governo preferida. E o que é mais para lamentar, é que quem devia moderar-lhes um zelo tam indiscreto como nocivo, os deixe à vontade e com plena liberdade de acção!

Mas porque será este ódio de perseguição contra o padre? Que mal tem feito ele? É inimigo da república. Aqui está a causa de ser perseguido.

E esta causa terá fundamento, será justificada?

Não, digo-o eu com a mais firme convicção. Essa estúpida lenda de o padre ser inimigo da república formou-se por manejos, sugestões e propagandas das associações livres-pensadoras, como a associação do registo civil, a do livre-pensamento, a do grémio lusitano, etc.; e tem sido espalhada por individuos que são mais ímpios que republicanos.

A impiedade não pôde ver um padre, inda que não seja muito exemplar, porque é um estorvo aos seus trabalhos de secularização e ateização social. Mas persegui-lo simples-

mente por ser padre é uma iniquidade revoltante e muito mais num século em que tanto se apregoa a liberdade de consciência.

Como se há de então inutilizar êsse estorvo?

Proporcionou-se agora um belo ensejo. Está proclamada a república, é de crer que descontentasse a alguém, quando não seja por outra coisa, ao menos pela novidade. Diga-se por toda a parte que o padre é inimigo da república e que é ele quem fomenta e suscita descontentamentos contra a nova forma de governo. Todos o acreditarão, porque, aqui muito à puridade, o padre foi cruelmente ferido pelo decreto da separação.

Assim se formou a lenda e o certo é que muitos, a sério ou a fingir, mostram crer nela e por isso os padres estão expostos a vexames, a incómodos e a perseguições. É preciso desfazê-la por amor da verdade e do sossêgo do clero. O padre não é inimigo da república; teóricamente falando, raro será o clérigo que não seja republicano. Sob o ponto de vista especulativo o sistema republicano é o mais perfeito. Quanto às doutrinas da Igreja, que o padre é obrigado a seguir e a acatar, essas não estabelecem preferências para formas de governo.

Os católicos, como católicos, tem-se dito muitas vezes, — são indiferentes a fórmulas governativas. Mas dirá alguém: em contraposição a tudo isso não faltam padres a falar contra a república e a praticar contra ela actos de verdadeira hostilidade.

É necessário esclarecer bem as coisas.

Que o padre seja adversário da república não é crime nenhum, porque nenhum concílio eclesiástico, nem nenhum congresso de sábios definiu ainda como dogma irreformável, que a república é a forma de governo mais conveniente a toda e qualquer nação. Mas a verdade é que não é. O que o padre tem combatido e continuará a combater no uso dum direito incontestável, não é a república, mas a *maneira de ser* da república portuguesa. Assim como há portugueses que advogam uma república sectária, anti-religiosa, perseguidora, porque não há de ser permitido ao padre, sendo tam português como os que o são e amando a sua pátria com toda a devoção cívica, o direito de defender uma república cristã, pacificadora, tolerante?

Na história pátria não se encontram frequentemente verdadeiros rasgos de patriotismo da parte do clero?

Porque se há de dizer agora que o padre, por não concordar com algumas leis da república, não é patriota? Porventura é mais puro o amor pa-

triótico desses republicanos fanchudos, odientos, fanáticos que espalham a desordem, a desconfiança e o desassossêgo por toda a parte?

Já o disse e não me cansarei de o repetir: o padre não é, por sistema, contrário à república. A república é que, se não modificar a sua maneira de ser, deixará de ser de todos e tornar-se há incompatível com o padre.

Perseguir os padres é perseguir o povo, pois que eles, na sua grande maioria, são filhos do povo, amam e servem o povo e são amados e estimados pelo povo.

Perseguir os padres é perseguir uma classe benemérita, ilustrada, pacificadora; é abrir na sociedade uma grande divisão que não pode deixar de produzir funestos resultados.

Onde é que o povo tem encontrado conselheiros mais prudentes, protectores mais delicados, amparadores mais seguros?

Perseguir os padres é ferir o povo no seu sentimento mais delicado — no sentimento religioso; porque sem padres ele não poderá satisfazer às exigências desse sentimento.

Perseguir os padres é levantar a questão religiosa que é a mais funesta que se pode levantar dentro duma nação. Por conseguinte, se no ânimo dos republicanos, ainda há uns restos de patriotismo, amainem esses furores anti-religiosos que podem ocasionar grandes desgraças. Tenham juizo e não acirrem mais as cóleras do povo.

P. A.

## Nada de ilusões

Há que distinguir entre República, republicanos e políticos republicanos.

Aquela foi feita pelo Povo que, engodado com os palavrados dos comícios e com as promessas da propaganda e vendo que a situação do país era aflitiva, quis, com o seu valor e com a sua coragem, à custa do seu sangue e das suas vidas, criar um ambiente melhor para si e para esta desventurada Pátria.

A nossa admiração pelos heróis!

Esses é que são os verdadeiros republicanos, os republicanos autênticos que exposeram o peito aos caprichos das balas e dos estilhaços das granadas.

O nosso profundo respeito por êsses republicanos, sejam de que ordem social forem!

Os outros, os políticos, aqueles que durante as horas pavorosas do combate ninguém viu nos lugares onde as lutas se feriam, foram os que, depois de feita a República, depois de assignalada a vitória dos heróis, depois de adquirirem a certeza de que já nenhum perigo corriam, saíram para a rua a tomar conta daquilo que lhes não pertencia, porque a República foi feita pelo Povo para o Povo, e foram os que, guindados por si próprios a um poderio que ninguém lhes conferiu, faltaram a todas as promessas que, da maneira mais categórica e solene, tinham feito, dando ao Povo, em vez da Liberdade concernente à Democracia implantada, uma escravidão mais dura e mais aviltante do que aquela que se encontra na mais vil das monarquias.

É contra êsses que nos insurgimos.

Não envenenem as nossas intenções, que são puras, como puras em política são as nossas consciências.

É contra êsses, que nada fizeram nas horas tremendas do perigo e agora querem alardear uma autoridade superior que já de há muito faliu, que nós levantamos a nossa humilde voz.

Não julguem, não digam, embora o não julguem, que nos insurgimos contra a República, que odiamos os republicanos, que somos *talassas* e que *suspiramos* pelo D. Manuel.

Nós, queiram compreender-nos, nunca tivemos predilecções estaduais.

Estado monárquico ou Estado republicano, para nós foi-nos sempre completamente indiferente.

Nunca tivemos afinidades com gente da Monarquia, como as não temos com ninguém da República.

Se é verdade que nunca ninguém de boa-fé pode acusar o Estado monárquico, porque a Monarquia-Ideal, a Monarquia-Regimen não teve culpa alguma nas hecatombes políticas e financeiras que se deram durante a sua existência, mas sim os seus maus homens, os políticos monárquicos, por igual razão não podemos odiar o Estado Republicano, a República-Ideal, a República-Regimen porque não é ela que nos persegue e nos faz mal: são alguns dos seus homens, os políticos republicanos.

Se é verdade que nós tivemos sempre em muita estima homens da monarquia, que se impunham à consideração pública pela sua probidade e honradez, não podemos, por igual razão, hoje odiar os republicanos sinceros, os republicanos convictos que o são pelo coração e não pelas imperiosas necessidades do estômago.

Estará isto dentro dos dogmas republicanos deste país?

Ignoramo-lo; e porque assim é, acentuemos:

Nós não podemos odiar a República, porque esta é um regimen de Liberdade e nós amamos muito a Liberdade.

Nós não podemos odiar os republicanos convictos, os republicanos heróis, os republicanos de coração, porque estes fizeram a República para nos dar a Liberdade que ambicionávamos, e continuam em luta aberta para que essa Liberdade seja um facto.

Ah! mas nós não podemos bem querer aos republicanos políticos porque êsses sobrepoem, a todos os interesses nacionais, os seus caprichos pessoais, e nós queremos muito a esta Pátria que é de todos os portugueses.

Nós não podemos bem querer aos republicanos políticos porque êsses não cessam de nos perseguir só porque nós temos uma crença que não é a sua.

Há que distinguir entre República — republicanos e políticos-republicanos.

Para a República a nossa simpatia e o nosso respeito.

Para os republicanos a nossa veneração e a nossa estima.

Para os políticos republicanos os nossos votos para que não sigam nas pisadas dos monárquicos que tam prejudiciais foram ao país.

Nada de ilusões.

## O Benjamim liquida nesta ocasião:

Lenços de seda grandes a 1\$000 réis!! Chales finos escocês a 1\$800 e 2\$000 réis! Kimonos-blusas a 300 e 400! Chitas a 100 e 80 réis! Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

## Grotescos

Cautela, ó Zé, tem cautela que agora a coisa está feia; se te agarram na farpela, adeus Zé que dás à vela e malhas como um danado com teus ossos na cadeia.

Dás à vela sim senhor nem que hoje te custe um pouco... singrando o mar com pavor verás que vais a vapor dar às costas africanas C'um entusiasmo louco!

Adeja lá por Leixões (ou tu não sabes ainda?) rodeado de canhões cadeias e alçapões o navio onde porás a tua vida já finda.

Dá à lingua e verás o que em breve acontece! Põe-te a falar com o Brás da que reinou já lá atrás que tarde dirás a alguém se falar mais te apetece.

Mas então, se tu quiseres ir para a terra das pretas, esfacela caracteres compra linguas de mulheres e tal et cetera Porto... acredita e diz mais tretas!

Tirteu.

## Directa a uma indirecta

### Os mascarados

Alguns individuos — uns tipos que para aí há — continuam pregando que defendem a República — a «boa república», como eles dizem — e empregam nisso o seu rancor a todos os republicanos como a própria letra redonda.

— Quem és tu, ó mascara?  
E diz-nos a consciência deles, que é uma mulher autónoma:  
— Tenho vergonha de t'ó dizer...

Olha quem fala!

Os tipos daqui, que nenhum rancor teem aos republicanos, senão aqueles que são indignos desse nome, nunca foram levar a sua adesão a nenhuma reunião franquista em casa do sr. Visconde de Sendêlo, nem assistiram às exéquias do sr. D. Carlos, realizadas na Colegiada.

Lá pelos tipos da «Alvorada» acontecerá o mesmo?  
Cremos que não.

### Aos corações bondosos

Abílio José de Araújo, o *Li-geiro*, é uma vítima das educações deletérias a quem, umas irregularidades de rapaz inadvertido, atiraram para a cadeia, esse antro de miséria e de morte, onde contraiu a terrível tuberculose.

Neste triste e prematuro declinar da vida, o seu único anelo é poder sair do hospital da Santa Casa da Misericórdia, onde está em tratamento, para sua casa, afim de, quando Deus o determinar, receber o último beijo dos seus filhinhos queridos.

Como está ainda sob a alçada da Justiça, pois faltam-lhe 7 meses de prisão remíveis a 500 réis diários, a família, para satisfazer aquele desejo, resolveu implorar da caridade pública uma esmola para conseguir a remissão.

Condoídos pelas lágrimas que vimos correr dos olhos da mãe e da consorte do desventurado, aqui pedimos aos nossos caritativos leitores e amáveis leitoras que se associem àquela obra de caridade cristã.

Da melhor vontade faremos chegar às mãos da família qualquer donativo que nos seja enviado, podendo também ser entregues ao sr. João Garcia Guimaraes, na drogaria do Toural.

## As grandes iniciativas

Não raro aparecem lançadas a admiração do grande público em grossos caracteres de colossais gazetas de informação, ideias felicíssimas que, uma vez realizadas, fariam a admiração do povo do orbe terráqueo e levantariam aos carrapitos da Lua, em quarto crescente, os luminosos cérebros que tiveram a glória de germinar obras tam grandiosas.

Em Portugal muitas dessas ideias, de soberbo alcance, tem aparecido à supuração, algumas das quais tem assombrado o mundo culto e não culto pelo carácter patriótico que revestem e pelas intenções boníssimas e altruistas que representam.

As que mais se tem salientado nos últimos tempos tem sido as subscrições públicas, nacionais ou como melhor se deverem chamar.

Esta coisa de subscrições, ou seja o concurso pecuniário da população portuguesa para qualquer fim de utilidade, dá-nos a modo de um *tic* de que tudo está abarrotado de dinheiro e um *tac* de que nadamos em mar de rosas.

Passamos lá fóra por um dos povos mais felizes, se não o mais feliz, do mundo, e, com efeito, ter em tam pouco tempo sonhos tam surpreendentes e, não só tê-los, pô-los em execução, só um povo de felizes, que é o mesmo que dizer, na linguagem dêles, dos de lá de fóra — de patetas.

A seguir ao advento da República, os patriotas, ávidos de fazerem dêste jardim da Europa à beira mar plantado um ninho de fadas das mil e uma noites, auscultaram os cofres públicos e viram, com suprema mágua, que os pobrezinhas estavam no último grau de tuberculose monetária e alguém parturejou, depois de laboriosa germinação, uma ideia grandiosa, uma ideia salvadora que ia livrar o país de apuros e das garras dos irrequietos e ambiciosos crêdores — uma grande subscrição nacional para pagamento da dívida externa.

A sublime ideia teve desde logo, como era de esperar, o mais patriótico acolhimento da parte do povo que correu a contribuir com o seu auxílio por junto e a prestações.

Ainda esta assombrosa ideia não estava de todo realizada, tivemos um desastre em Vila do Conde que nos trouxe a perda de um dos nossos melhores vasos de guerra, o cruzador S. Rafael.

Para grandes males, grandes remédios.

Logo outro cérebro iluminado atira cá para fóra com a ideia genial de uma subscrição pública para a compra de um novo cruzador para substituir o encalhado.

E o povo lá correu também a contribuir com o seu auxílio, igualmente por junto e a prestações.

A primeira subscrição encravou, já há muitos meses, quasi no princípio, porque os jornais dela não deram mais notícias.

A segunda encalhou com o péso dos primeiros donativos, porque mais notícias também não houve.

Mas para grandes males, grandes remédios e cesse tujo quanto a antiga musa canta, que outra ideia mais sublime se levanta.

E' uma nova subscrição pública cujo produto se destina à compra de aeroplanos ou coisa parecida.

Agora dizemos-lhe que sim, que acertaram e que esta iniciativa é a melhor que desde a fundação da nacionalidade tem havido em Portugal.

Não se arranhou dinheiro para a dívida nem para o cruzador, mas para os aeroplanos arranja-se com toda a certeza, e não vem já longe o dia em que nós havemos de ver (nós daqui e por

um canudo) o céu dessa grande e linda Lisboa povoada de formidáveis aparelhos, e, lá do alto, os briosos alferes catrapiscarão e farão pé de ditos às loiras lisboetas.

Oh! as grandes ideias! Assim ver-nos-hemos livres do enorme pesadelo de termos uma valente e briosa marinha de guerra e não possuímos mais que uns inofensivos calhambeques que, com raras excepções, são os nossos vasos de guerra.

Não teremos dinheiro, a dívida continuará, não teremos navios, mas em compensação dam-nos ao luxo duma flotilha aérea.

O diabo é se esta subscrição encalha como as outras!...

Os srs. da política não são capazes de querer ver de que lado está a *massinha*...

Não é com vinagre que se caçam moscas, fiquem certos disso.

## Hosana, hosana!

Festejou-se com grande pompa, em letra redonda de gazeta, a mudança do mictório que há anos dormia junto da igreja da Misericórdia, para outro sitio do largo do mesmo nome.

Diz assim o fraternal elogio:

«Por mais que nos digam, sempre havemos de dizer que a primeira comissão administrativa republicana tem mais qualidades de trabalho, oferecido mais exemplos e vontade de acertar do que muitas Câmaras que *passaram* no regimem findo sem uma nota de valor, sem um acto de acerto, sem uma amostra de inteligência e critério. Vejam os senhores êsse mictório — riem-se?! — ali chapado junto à igreja da Misericórdia. Era mais que um contra-senso; chegava a ser uma heresia.

Pois bem: cançaram-se as gazetas da época a implorar atenção, pedindo que arrumassem dali aquilo. Ninguém ouvia! Faziam gosto na asneira, não havia que ver.

Foi preciso fazer-se a República! — para que a voz dos jornais tivesse eco e satisfação».

Evidentemente as *outras* Câmaras nunca fizeram nada que geito tivesse, nunca deram uma amostra de inteligência e de critério.

A canalização das águas, a luz electrica e tantas outras coisas, são completas nulidades comparadas com a mudança do mictório.

Mas, se com efeito *foi preciso fazer-se a República!* — para que a voz dos jornais tivesse eco e satisfação, havemos de concordar que a República se fez muito tarde em Guimarães, porque o mictório dormiu no primitivo sitio, e sem o menor incômodo, uns estirados vinte e um e meio meses republicanos.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

## Porque será?

Há coisas que nós não podemos compreender.

Porque será que há para aí indivíduos que se declaram abertamente anti-católicos, gritam contra a igreja e contra os padres, cometem desacatos para com imagens de santos, não tiram os chapéus a procissões, dizem as maiores boboseiras contra os crentes, e consentem que as suas filhas vão servir de figuras em procissões católicas como, por exemplo, na de S. Torquato, onde vão ganhar alguns tostões?

Porque será que homens da mesma laia consentem que as suas mulheres peçam e vão receber esmolas, criadas pela caridade cristã, como por exemplo o

Pão dos Pobres de Santo António?

¿Não terão receio, êsses anticatólicos, de que os queime êsse dinheiro e os envenene êsse pão?

¿Estômago ou princípios?

Ah! fome, fome, a quanto obrigas!

Agora dizei-nos vós, ó cobardes histriões:

¿Não achais a Igreja e os católicos grandiosamente sublimes de abnegação e alheamento de preconceitos, repartindo convosco os seus cobres e o seu pão?

## Largo do Toural

Não nos permite o nosso espirito de imparcialidade, que recusamos encômios, quando merecidos, sejam a quem for, e assim, não podemos deixar de nos referir hoje, com louvor, à comissão administrativa da Câmara Municipal pela maneira como, além de outras obras boas que tem feito, transformou o antigo largo do Toural, outrora uma típica jaula encravada entre duas estreitas ruas, num largo aprazível, bem delienado, com amplas ruas e com magníficos passeios a cimento, onde parece que se respira melhor e onde a nossa alma se distrai na contemplação da estátua do grande herói que se chamou Afonso Henriques e foi o fundador desta nacionalidade.

Pena é que os proprietários das casas das antigas escadinhas se não resolvam a baixar o nível das lojas à superfície da rua, afim de desaparecerem dali os novos escadórios que estão a estragar o conjunto do bonito largo.

Sabemos que a comissão não terá na menor conta o nosso elogio, nem nós o fazemos para lhe conquistar a simpatia ou grangear agradecimentos; mas se ela nos permite um pedido, fá-lo hemos com toda a sinceridade.

O largo está lindo, mas para ficar completo falta-lhe ter o relógio a trabalhar.

E' êste o pedido que fazemos e que, por ser de grande utilidade para o público, esperamos ver satisfeito.

## As festas da cidade

Afanosamente se trabalha para que a festa da cidade, a festa querida dos vimaranenses se realize com brilho, com entusiasmo, com alma, nos seus dias 3, 4 e 5 de Agosto. Perdido muito tempo na espectante situação que os acontecimentos politicos ofereceram, não há dúvida que o esforço a desenvolver tem de tornar-se, para ser feliz, esgotante e decidido; em assunto, porém, desta magnitude, não hesita, não trepida ninguém no desempenho da missão patriótica que, como sempre, tem por alvo o progresso, o engrandecimento, os interesses de Guimarães.

Por toda a parte, pois, se distingue a tarefa preocupada de preparar tudo, de pôr tudo a postos, para que, decorridos os ligeiros dias que distam às Gualterianas, a cidade se ofereça, bizarra e animada, aos seus milhares de forasteiros que a visitem, enaltecendo, realçando, admirando a esforçada coragem e o inquebrantável brio desta terra que, sabendo trabalhar com heroismo, sabe também fazer uma festa popular e cívica com galhardia.

## A Feira:

Como já toda a imprensa periódica do país dissera, a feira abriu no dia 25. No largo da República do Brasil, tocará desde aquele dia, e por especial deferência do ex.<sup>mo</sup> comandante de infantaria 20 para com a Comissão, a banda regimental, dando assim áquele local a vida que é de uso.

## Sábado, 3 de Agosto

### Feira de gado bovino

No belo e espaçoso Largo da República do Brasil, (Campo da Feira) onde se acham construídas muitas barracas com estabelecimentos de quinquilharias e divertimentos, realiza-se a *feira de gado bovino* com os seguintes

#### Prêmios:

- 1.º—Ao expositor da melhor junta de bois de engorda 20.000
- 2.º—Ao expositor da melhor junta de bois de trabalho . . . . . 15.000
- 3.º—Ao expositor da melhor junta de touros a dois dentes . . . . . 10.000
- 4.º—Ao expositor da melhor e mais perfeita junta de vacas de trabalho . . . . . 10.000

Além dêstes prêmios serão concedidas menções honrosas aos expositores de gado que esta distincção mereçam, segundo o parecer do júri.

O júri para a classificação é, como já dissemos, composto dos seguintes senhores:

José Pinto de Sousa e Castro, Ovídio de Faria e Sousa Abreu, Joaquim de Sousa Pinto e João Gonçalves.

Vogal técnico, Guilhermino Rodrigues.

## Domingo, 4 de Agosto

### Feira de gado cavalari

Grande feira de gado cavalari, a que concorre a Comissão Técnica da Remonta do Exército, sendo conferidos os seguintes

#### Prêmios:

- 1.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo de sela, com a altura de 1<sup>m</sup>,47 de altura ao hipómetro, da idade de 4 a 7 anos, inclusivé 30.000.
- 2.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito cavallo, de sela, de 1<sup>m</sup>,40 a 1<sup>m</sup>,47 de altura ao hipómetro, da idade de 4 a 7 anos, inclusivé, 20.000.
- 3.º—Ao expositor do melhor e mais perfeito poldro ou poldra até 4 anos, inclusivé, . . . . . 10.000.

Todos os concorrentes deverão inscrever-se até 31 do corrente, na Rua da República, n.º 154.

Não serão premiados os animais que já o tenham sido em concursos anteriores, sendo distinguidos com menção muito honrosa quando lhes caiba a primeira classificação. Nestas circunstâncias, o prêmio será concedido ao animal imediatamente inferior na classificação.

Estas observações dizem respeito também ao gado bovino.

Os animais inscritos darão entrada no recinto da exposição do gado cavalari às 10 horas de domingo, reunindo o júri.

O júri para a classificação do gado cavalari é composto dos seguintes senhores:

Visconde de Paço de Nespereira, António Vaz Napoles, José Figueiras de Sousa e Domingos Freiria.

Vogal técnico, Guilhermino A. Rodrigues.

## Batalha de Flores

Reuniu sob a presidência do sr. dr. João Rocha dos Santos, a comissão encarregada de promover este importante número das «Gualterianas».

Foi resolvido, entre muitas coisas, oferecer três prêmios, os quais serão conferidos aos carros que melhor se apresentarem, sendo oferecido um pela Grande Comissão, outro pela Comissão organizadora da Batalha e é provável que ainda um outro pelas nossas damas. A inscrição encontra-se aberta no estabelecimento do sr. Areias & Salgado, ao Passeio da Independência.

Conta a comissão que êste número revista brilhantismo e en-

tusiasmo, tanto mais que tem en-contrado a melhor boa vontade em todos aquêles elementos que, por qualquer forma, costumam colaborar nêle.

No próximo número completaremos o programa.

## A carestia dos cereais

A Associação de Classe dos Operários Curtidores e Surradores de Guimarães, em reunião efectuada em 21 do corrente, resolveu officiar aos cidadãos comandante de Infantaria 20 e administrador do concelho, solicitando-lhes as mais enérgicas providências contra os açambarcadores dos cereais e contra o subido preço porque últimamente se tem vendido nesta cidade o milho e demais gêneros de primeira necessidade.

## Banco Comercial de Guimarães

Sociedade anónima responsabilidade limitada

### Assembleia Geral

De harmonia com as deliberações das assembleias gerais de acionistas e crêdores de 14 de Maio de 1911 e 28 de Janeiro dêste ano, convoco a assembleia geral de acionistas e crêdores dêste mesmo Banco, para o dia 11 de Agosto próximo, pelas 11 horas, no salão da Associação Comercial de Guimarães, nesta cidade, a fim de a Comissão Administradora do Banco dar conta dos seus trabalhos e resolver-se o que mais convenha para a conclusão dos mesmos trabalhos.

Se no dia designado não reunir número legal de acionistas, para se constituir a assembleia geral, fica desde já designado o dia 25 do mesmo mês, à hora indicada, para a nova reunião.

Guimarães, 25 de Julho de 1912.

O Vice-presidente da Assembleia Geral,

António de Freitas Ribeiro.

## MAIS UM TRIUNFO!!

Sempre vencedoras em todas as corridas, as Bicycletas «D E R B Y» acabam de alcançar mais um triunfo ganhando os 7 primeiros premios nas corridas de resistencia Louzada—Penafiel—Paredes!

Vendem-se em Guimarães—Toural, 105—Loja do Benjamim.

## Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia 11 do próximo mês de Agosto, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial, sito na rua Gravador Molariño, desta cidade, se tem de

arrematar em hasta pública e por maior preço acima da avaliação, os bens de raiz abaixo mencionados, isto no processo de execução hipotecária, em que é exequente Augusto Inácio da Cunha Guimarães, casado, negociante, desta cidade, e executados Bernardino Mendes da Silva e mulher, proprietários, aquêle ausente e esta moradora no lugar do Pinheirinho, freguesia de S. Jorge de Sêlho, desta comarca, a saber:

Um pedaço de terreno que antigamente era de mato com pinheiros e carvalhos e hoje é de cultura com arvores de vinho, e circuitado por parede, estando a horta, tendo nêl uma morada de casas em construção, com frente para a estrada, construída de pedra e telhado, dividida em 3 corpos, sendo os dos extremos habitados, tendo o corpo do centro, pela parte das trazeiras, que é inferior ao nível da estrada, uma loja. E' de natureza alodial e está descrito na respectiva Conservatória sob n.º 31:332 a fl 199.v do livro B. 87, avaliado na quantia de 450\$000 réis, por quanto vai à praça.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 20 de Julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão,

Manoel Ribeiro de Sousa Mascarenhas.

Comprei os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

## Quinta

Vende-se uma, bem situada, na freguesia de Gandarela, conhecida pelo nome de Quinta de Covelas, produzindo ao todo, regularmente, dez pipas de vinho e oito mil litros de cereais.

Tem morada para senhoria e caseiro.

Para tratar com Arnaldo Machado de Faria, morador em S. Miguel das Aves, conselho de Santo Tirso.

# TIP. MINERVA



# VIMARANENSE

## Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

### António Luís da Silva Dantas

#### Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 coleções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

## Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

## Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programa à Direcção

# O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Ano . . . . . 1\$200 rs.  
Semestre . . . . . 600 "  
Número avulso . . . . . 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.  
Repetição por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contrato convencional.  
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra  
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesa

GUIMARÃES

# O LUSITANO

Publicação semanal

Ex.º Sr.